

SEMENTES *do litoral*

10 ESPÉCIES DA RESTINGA BAIANA
PARA SEMEAR E PRESERVAR





Textos e organização

Lilian Fernandes Martins de Souza
Mário Sérgio Santana

Revisão

Aparício da Cruz
Izabela Ferreira Ribeiro
Jackson Fabris Fiorini
Joelma Coelho dos Santos Marinho
Juliana Magalhães de Araújo
Rafael Marinho Rocha
Thaís Maurício Faria

Contatos

lilianfermaso136@gmail.com
viveiroprimaflora@gmail.com



APRESENTAÇÃO

Essa cartilha é resultado do relatório de estágio apresentado ao Colégio Estadual do Campo Anderson França e à Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta Egídio Brunetto, como exigência parcial para conclusão do Curso Técnico em Agroecologia, supervisionado pelo biólogo Mário Sérgio Santana (representante do Viveiro Primaflora) e com o apoio e incentivo da equipe do Projeto Junta Verde.

“Sementes do Litoral” tem seu conteúdo voltado para as comunidades do litoral do Extremo Sul da Bahia. Seu objetivo é apresentar informações e imagens que auxiliem na identificação, coleta, beneficiamento e armazenamento de sementes de dez espécies vegetais da Restinga da região, bem como incentivar as famílias a engajarem-se em práticas que são fundamentais para o reflorestamento e manutenção desta área. A disseminação deste conhecimento visa não apenas preservar a biodiversidade local, mas também promover a conscientização sobre a importância da recuperação ambiental, além da possibilidade de geração de renda para as comunidades locais.

Para o desenvolvimento da cartilha, foram escolhidas dez espécies nativas da Restinga com base na sua ocorrência em outros ecossistemas, resistência e adequação à restauração ambiental, potencial de uso comercial (especialmente de sementes) e importância ecológica para a fauna local. As espécies selecionadas foram:

Nome Popular	Nome Científico
Amescla / Breu-Branco	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand
Araçá-do-Mato	<i>Psidium cattleianum</i> Sabine
Aroeira	<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi
Biriba	<i>Eschweilera ovata</i> (Cambess.) Mart. Ex Miers
Fedegoso	<i>Senna alata</i> (L.) Roxb.
Mangaba	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes
Maria-Mole	<i>Guapira opposita</i> (Vell.) Reitz
Murici-da-Praia	<i>Byrsonima sericea</i> Dc
Pau-Pombo / Cupuba	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl
Pitanga	<i>Eugenia uniflora</i> L..

Observações para interpretação dos dados:

Mapas de ocorrência: Estados/regiões com preenchimento colorido representam a ocorrência confirmada da espécie.

Fenologia: Foram indicados os períodos de maior ocorrência de floração e frutificação segundo dados do ReFlora.

A RESTINGA

A Restinga é um tipo de vegetação que faz parte do bioma Mata Atlântica e cresce nos solos arenosos formados pelo mar. Ela é comum em todo litoral do brasileiro. Com o tempo, muitas áreas de Restinga foram destruídas, principalmente por causa do crescimento desordenado das cidades. Além de ter uma grande variedade de plantas e animais, a Restinga é muito importante, pois protege a costa contra a erosão e serve de morada para várias espécies. Conhecer como a Restinga se forma, como é composta e qual sua importância, ajuda a mostrar o quanto esse ambiente é valioso e reforça a necessidade de protegê-lo, principalmente diante das constantes ameaças causadas pelas ações humanas. Cuidar das Restingas é também cuidar da vida em suas diferentes formas.

O EXTREMO SUL DA BAHIA

As Restingas do Extremo Sul da Bahia são essenciais para o equilíbrio ambiental e para a vida das comunidades que dependem desse ecossistema. Porém, essas áreas vêm sendo cada vez mais ameaçadas pela especulação imobiliária, extração de minérios, avanço da pecuária, plantações em larga escala e ocupações desordenadas. Essas atividades, presentes há décadas na região, têm causado grandes impactos na dinâmica do ecossistema. Por isso, é urgente investir na conservação e recuperação das Restingas, por meio de ações que respeitem os ritmos da natureza e valorizem tanto os conhecimentos científicos quanto os saberes tradicionais, buscando formas de viver que sejam mais justas, equilibradas e em harmonia com o território.

RESTAURAÇÃO E SEMENTES

A restauração ecológica é fundamental para recuperação de área degradadas e tem como objetivo, reestabelecer a diversidade, o equilíbrio e os serviços ambientais de plantas, animais e comunidades. Para isso, ela depende da disponibilidade de sementes nativas com qualidade e diversidade genética adequadas. Portanto, é muito importante garantir a eficiência de todas as etapas da cadeia de produção de mudas, desde a seleção das árvores matrizes até o armazenamento das sementes. A coleta deve ser realizada no momento adequado, utilizando técnicas que considerem as características específicas dos frutos e das espécies. O beneficiamento e o armazenamento das sementes também exigem cuidados precisos para assegurar sua viabilidade. Além dos aspectos técnicos, é fundamental reconhecer a importância das redes de coletores, que desempenham um papel essencial tanto na conservação da biodiversidade quanto no envolvimento das comunidades locais no processo.

AMESCLA / BREU BRANCO *Protium heptaphyllum* (Aubl.) Marchand

Família: Burseraceae

Grupo ecológico: Secundária

Fenologia:

Floração: Junho a dezembro

Frutificação: Setembro a março

Dispersão: Por animais (Zoocórica)

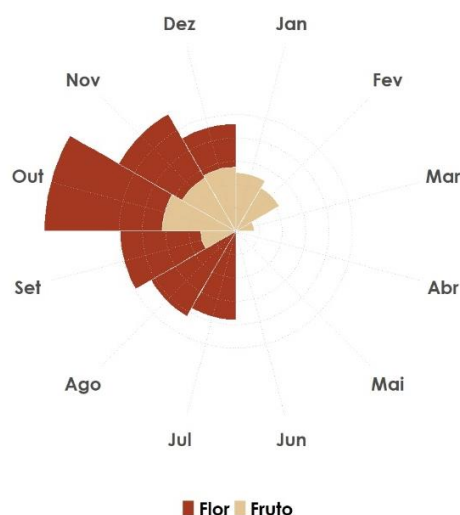
Coleta: Devem ser colhidos quando maduros, com coloração marrom e começando a abrir. A coleta é feita manualmente, retirando os frutos das árvores ou do solo.

Beneficiamento: Após a coleta, os frutos são secos à sombra até abrirem espontaneamente. As sementes são então separadas manualmente, com o auxílio de peneiras.

Armazenamento: As sementes são armazenadas em embalagens de papel, em local fresco e seco, sendo recomendado o uso em até 12 meses para garantir sua viabilidade.

Formação Vegetal: Campinarana, Floresta Ciliar ou Galeria, Floresta de Terra Firme, Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial), Restinga, Savana Amazônica.

Mapa fenológico



Mapa de ocorrência no Brasil



Fonte: Flora e Funga do Brasil



ARAÇÁ DO MATO

Psidium cattleianum Sabine

Família: Myrtaceae

Fenologia:

Floração: Outubro a janeiro

Frutificação: Janeiro a junho

Dispersão: Por animais (Zoocórica)

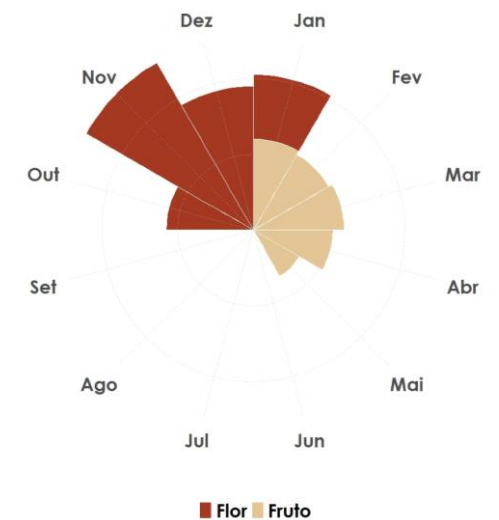
Coleta: Os frutos devem ser colhidos quando começam a cair e ficam amarelados. Eles podem ser colhidos diretamente da árvore ou com uma lona no chão, sacudindo os galhos para soltá-los.

Beneficiamento: Os frutos são lavados em água corrente e peneirados. Ao serem amassados, a polpa passa pela peneira, deixando as sementes limpas. Em seguida, espalhe as sementes na peneira e deixe-as na sombra para secar.

Armazenamento: As sementes devem ser armazenadas em bandeja aberta e mantidos em geladeira ou balcão refrigerado.

Formação Vegetal: Cerrado, Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial), Floresta Ombrófila Mista, Restinga

Mapa fenológico



Mapa de ocorrência no Brasil



Fonte: Flora e Funga do Brasil



AROEIRA

Schinus terebinthifolia Raddi

Família: Anacardiaceae

Fenologia:

Floração: Fevereiro a maio

Frutificação: Abril a julho

Dispersão: Por animais (Zoocórica)

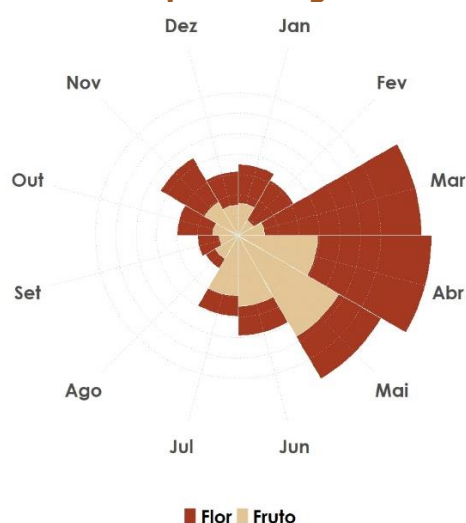
Coleta: A coleta deve ser realizada quando os frutos apresentarem coloração vermelha, sendo retirados diretamente da árvore, com auxílio de tesoura de poda e podão.

Beneficiamento: Os frutos devem ser passados em uma peneira (sem uso de água) apenas para quebrar a casca. Pode-se colocar as sementes para secar a meia sombra em ambiente arejado por uma a quatro semanas, até perder a umidade.

Armazenamento: As sementes devem ser armazenadas em barrica ou em saco de ráfia, em baixa temperatura. Semente ortodoxa.

Formação Vegetal: Campo Limpo, Cerrado, Floresta Ciliar ou Galeria, Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial), Floresta Ombrófila Mista, Manguezal, Restinga.

Mapa fenológico



Mapa de ocorrência no Brasil



Fonte: Flora e Funga do Brasil



BIRIBA

Eschweilera ovata (Cambess.) Mart. ex Miers

Família: Lecythidaceae

Grupo ecológico: Secundária inicial

Fenologia:

Floração: Setembro a março

Frutificação: Dezembro a junho

Dispersão: Por animais (Zoocórica)

Coleta: Os frutos devem ser coletados assim que for observado o início do processo natural de abertura na árvore.

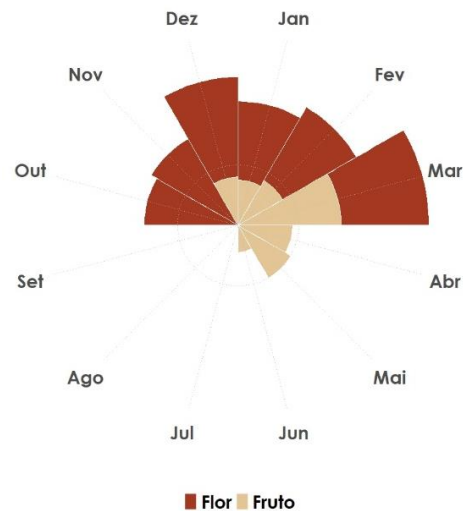
Ao abrir os frutos, as sementes são mais escuras e clareiam com o tempo devido à perda de água. Por isso, não se deve coletar sementes claras e opacas, pois são inviáveis.

Beneficiamento: Após a coleta, os frutos devem ser deixados à sombra até que iniciem a soltura das sementes.

Armazenamento: As sementes podem ser armazenadas em um recipiente com ou sem vermiculita úmida por até 30 dias, em ambiente frio, como uma geladeira, para garantir a germinação.

Formação Vegetal: Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial), Restinga.

Mapa fenológico



Mapa de ocorrência no Brasil



Fonte: Flora e Funga do Brasil



FEDEGOSO

Senna alata (L.) Roxb.

Família: Fabaceae

Fenologia:

Floração: Janeiro a dezembro*

Frutificação: Janeiro a dezembro*

*Informação de acordo com observação de coletores e restauradores da Região Extremo Sul Da Bahia

Dispersão: Por animais (Zoocórica)

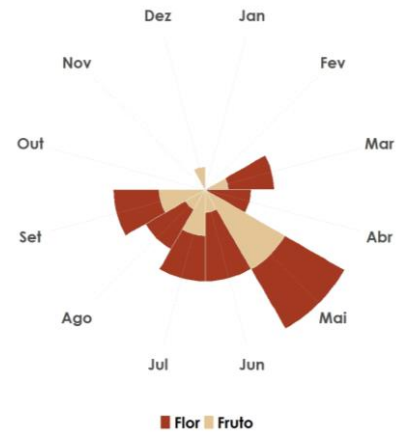
Coleta: Os frutos devem ser colhidos quando estiverem secos e abertos ou com a coloração marrom e ainda fechados, diretamente da planta, quando outros frutos já estiverem começados a se abrir.

Beneficiamento: Os frutos devem ser secos à sombra parcial até que ocorra a abertura espontânea. O beneficiamento pode ser manual ou agitando dentro de um saco para que ocorra a liberação das sementes de suas vagens. Utiliza-se peneira e ventilador para retirar as impurezas.

Armazenamento: As sementes devem ser armazenadas em embalagens de papel por até 24 meses, em temperatura ambiente ou câmara fria. O ideal é armazená-las por até 15 meses, pois a viabilidade diminui após este período.

Formação Vegetal: Cerrado, Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial), Floresta Ombrófila Mista, Restinga

Mapa fenológico



Mapa de ocorrência no Brasil



Fonte: Flora e Funga do Brasil



MANGABA

Hancornia speciosa Gomes

Família: Apocynaceae

Fenologia:

Floração: Setembro a abril

Frutificação: Novembro a abril

Dispersão: Por animais (Zoocórica)

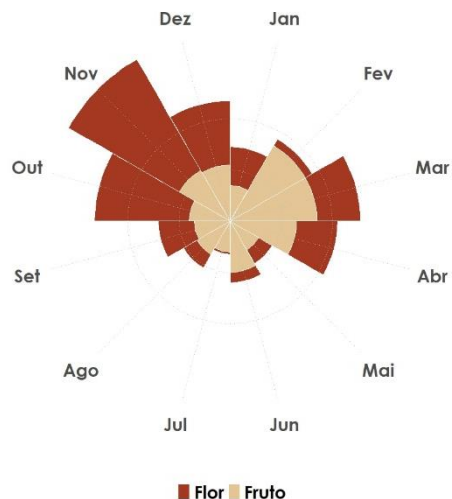
Coleta: Os frutos devem ser colhidos quando estiverem maduros, apresentando coloração entre o verde e o amarelo, preferencialmente na árvore.

Beneficiamento: Após a coleta, os frutos devem ser imediatamente colocados em água e despolpados manualmente, sendo lavados em água corrente com uma peneira para remover completamente os resíduos do fruto.

Armazenamento: Depois do beneficiamento, a semente deve ser plantada imediatamente. Se necessário, pode ser armazenada em embalagem plástica por até 20 dias na geladeira.

Formação Vegetal: Campo Rupestre, Cerrado, Savana Amazônica, Mata Atlântica, Restinga.

Mapa fenológico



Mapa de ocorrência no Brasil



Fonte: Flora e Funga do Brasil



MARIA-MOLE

Guapira opposita (Vell.) Reitz

Família: Nyctaginaceae

Fenologia:

Floração: Agosto a dezembro

Frutificação: Setembro a março

Dispersão: Por animais (Zoocórica)

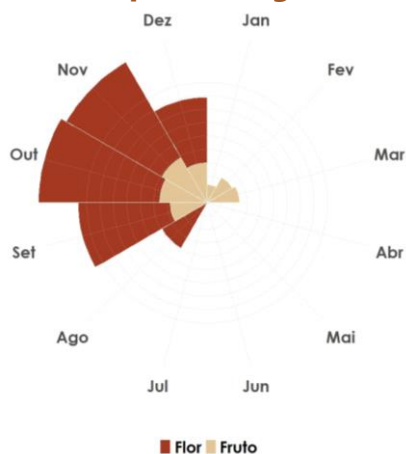
Coleta: A coleta deverá ser realizada quando os frutos estiverem maduros, apresentando coloração escura

Beneficiamento: Os frutos devem ser colocados em água e despulpados manualmente, sendo lavados em água corrente com uma peneira para remover os resíduos do fruto. Pode-se colocar as sementes para secar a meia sombra em ambiente arejado.

Armazenamento: As sementes devem ser armazenadas em bandeja aberta em baixa temperatura.

Formação Vegetal: Área Antrópica, Floresta Ciliar ou Galeria, Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial), Floresta Ombrófila Mista, Restinga, Vegetação Sobre Afloramentos Rochosos.

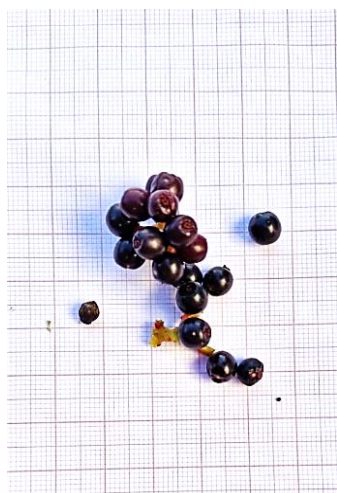
Mapa fenológico



Mapa de ocorrência no Brasil



Fonte: Flora e Funga do Brasil



MURICI DA PRAIA

Byrsonima sericea DC.

Família: Malpighiaceae

Grupo ecológico: Pioneira e secundária inicial

Fenologia:

Floração: Novembro a abril

Frutificação: Fevereiro a abril

Dispersão: Por animais (Zoocórica)

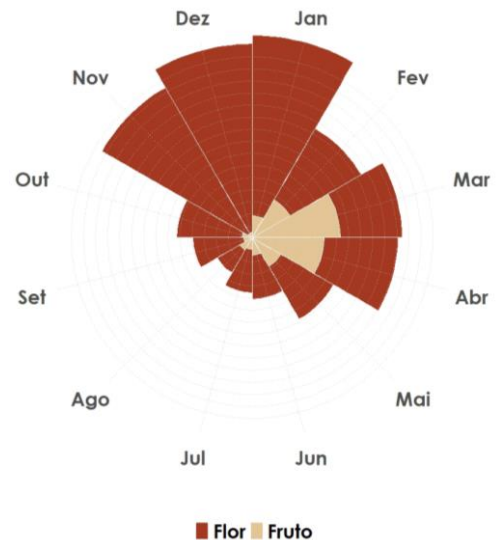
Coleta: coletar os frutos diretamente da árvore quando iniciar a queda espontânea ou recolhê-los no chão logo após caírem.

Beneficiamento: Deixe os frutos em um saco plástico até que a polpa comece a se decompor, facilitando a remoção da semente em água corrente.

Armazenamento: Armazenar em local arejado, em temperatura ambiente, em saco de papel ou saco de rafia.

Formação Vegetal: Campo Rupestre, Cerrado (lato sensu), Floresta Ciliar ou Galeria, Floresta de Terra Firme, Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial), Restinga

Mapa fenológico



Mapa de ocorrência no Brasil



Fonte: Flora e Funga do Brasil



PAU-POMBO / CUPUBA *Tapirira guianensis* Aubl.

Família: Anacardiaceae

Grupo ecológico: pioneira e secundária inicial

Fenologia:

Floração: Setembro a março

Frutificação: Outubro a maio

Dispersão: Por animais (Zoocórica)

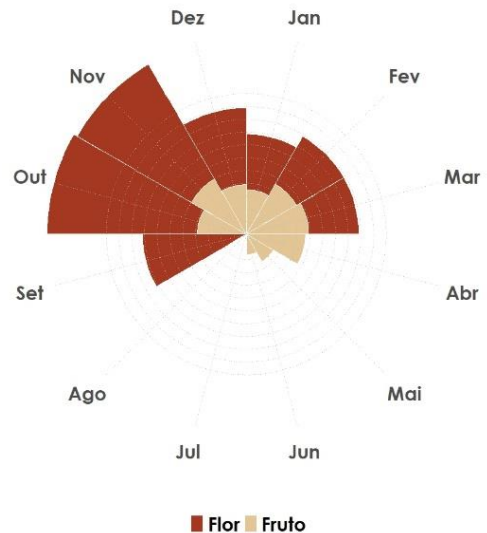
Coleta: Os frutos devem ser colhidos diretamente da árvore quando estiverem pretos ou arroxeados e começando a cair sozinhos.

Beneficiamento: Devem ser despulpados manualmente e depois lavados em água corrente com o uso de uma peneira de aço.

Armazenamento: Se for necessário armazenar, não deixe as sementes secarem. Guarde-as ainda úmidas em bandeja aberta em temperatura ambiente ou na geladeira, por até um mês, sempre observando para que não ocorra fermentação.

Formação Vegetal: Cerrado, Floresta Ciliar ou Galeria, Floresta de Terra Firme, Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial), Restinga

Mapa fenológico



Mapa de ocorrência no Brasil



Fonte: Flora e Funga do Brasil



PITANGA

Eugenia uniflora L.

Família: Myrtaceae

Fenologia:

Floração: Julho a fevereiro

Frutificação: Setembro a fevereiro

Dispersão: Por animais (Zoocórica)

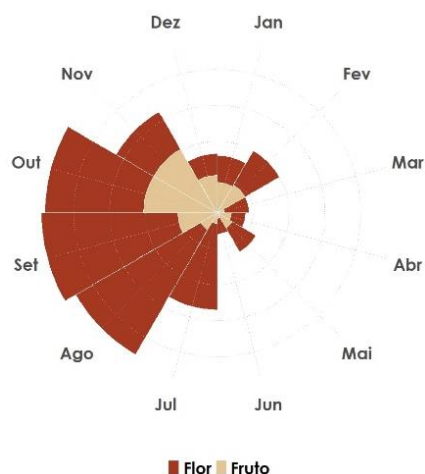
Coleta: Os frutos devem ser colhidos quando estão maduros, com coloração alaranjada a avermelhada.

Beneficiamento: Após a coleta, os frutos podem ficar imersos em água por algumas horas para soltar as sementes. Em seguida, use uma peneira e água corrente para remover os restos do fruto. Para secar, espalhe as sementes sobre uma tela de sombrite ou saco de ráfia em local sombreado e arejado por cerca de 24 horas.

Armazenamento: Se não forem semeadas logo após o beneficiamento, as sementes podem ser guardadas em saco de papel kraft e mantidas em temperatura ambiente ou geladeira por cerca de três meses (preferência semear o quanto antes).

Formação Vegetal: Cerrado, Floresta Ciliar ou Galeria, Floresta Estacional Perenifólia, Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Pluvial, Floresta Ombrófila Mista, Restinga, Vegetação Sobre Afloramentos Rochosos.

Mapa fenológico



Mapa de ocorrência no Brasil



Fonte: Flora e Funga do Brasil



REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Natália Coelho Barbosa et al. *Sementes Florestais da Mata Atlântica: um guia para o manejo de espécies da Hileia Baiana*. Teixeira de Freitas, BA: Programa Arboretum de Conservação e Restauração da Diversidade Florestal, 2022. ISBN 978-65-996720-0-2.

APREMAVI (Associação de Preservação do Meio Ambiente e da Vida). *Guia de Coleta de Sementes Nativas da Mata Atlântica*. 1. ed. Atalanta (SC), 2024.

JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO. *Flora do Brasil*. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/PrincipalUC/PrincipalUC.do>. Acesso em: 26 fev. 2025.

PROGRAMA ARBORETUM. *Programa Arboretum*. Disponível em: <https://www.programaarboretum.eco.br/>. Acesso em: 26 fev. 2025.

SAMBUICHI, R. H. R.; MIELKE, M. S.; PEREIRA, C. E. (Org.). *Nossas árvores: conservação, uso e manejo de árvores nativas no sul da Bahia*. Ilhéus: Editus, 2009. 296 p.